



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ALINE LEAL GALVÃO

INTERAÇÕES ENTRE O PROFESSOR E O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO  
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS POR UM ALUNO  
SURDO

PICOS  
2021

ALINE LEAL GALVÃO

INTERAÇÕES ENTRE O PROFESSOR E O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO  
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS POR UM ALUNO  
SURDO

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial a  
obtenção do grau de Licenciatura em  
Ciências Biológicas, pela  
Universidade Federal do Piauí,  
*campus* Senador Helvídio Nunes de  
Barros.

Orientador: Prof. Dr. Juscelino  
Francisco do Nascimento

Coorientadora: Profa. Esp. Nádia  
Fernanda Martins de Araújo

PICOS

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo**  
**Serviço de Processamento Técnico**

**G182i** Galvão, Aline Leal  
de Interações entre o professor e o intérprete de Libras no processo  
de aprendizagem de Ciências por um aluno surdo / Aline Leal  
Galvão –  
2021.

Texto digitado  
Indexado no catálogo online da biblioteca José Albano de Macêdo -  
CSHNB  
Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal  
do Piauí, Licenciatura Plena em Biologia, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento”

1. Aluno surdo-interação. 2. Inclusão-aprendizagem. 3. Intérprete. I.  
Nascimento, Juscelino Francisco do. II. Título.

CDD 371.9

ALINE LEAL GALVÃO

INTERAÇÕES ENTRE O PROFESSOR E O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO  
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS POR UM ALUNO  
SURDO

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade Federal do  
Piauí, *Campus* Senador Helvídio Nunes  
de Barros, como requisito parcial para a  
obtenção do grau de licenciada em  
Ciências Biológicas.

Aprovado em 4 de fevereiro de 2021

*Juscelino Francisco do Nascimento*  
*Nascimento*

---

\_ Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (Presidente)  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

*Karla Karina Abrantes Rêgo*

---

\_ Profa. Esp. Karla Karina Abrantes Rêgo (Primeira Avaliadora)  
Universidade Estadual de Campina Grande – UEPB

*Edigar Gonçalves de Farias Júnior*

---

---

\_ Prof. Esp. Edigar Gonçalves de Farias Junior (Segundo Avaliador)  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

## SUMÁRIO

<b>1INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>9</b>
2.1 Inclusão do surdo .....	9
2.2 Ensino de ciências para o aluno surdo.....	11
2.3 Tradutor- intérprete de libras .....	13
<b>3METODOLOGIA .....</b>	<b>16</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>18</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## INTRODUÇÃO

A Língua de sinais é utilizada pela comunidade surda para se comunicar, no entanto, isso não significa que ela seja universal, já que há línguas de sinais em quaisquer ambiente sem que haja surdos interagindo. Universal apenas é a impulsividade que os indivíduos têm em se comunicar, sendo esse impulso, para os surdos, a sinalização. (GESSER, 2009).

Logo, deve-se haver respeito com essa forma de se expressar, mesmo a maioria da população sendo de ouvintes. Desse modo, os surdos podem e devem interagir através da Língua de Sinais, sendo esse direito assegurado por lei.

A [Lei](#) [HYPERLINK](#)

"[http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%2010.436-2002?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2010.436-2002?OpenDocument)"[nº 10.436, de](#) [HYPERLINK](#)

"[http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%2010.436-2002?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2010.436-2002?OpenDocument)"[24 de Abril de 2002](#) [HYPERLINK](#)

"[http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%2010.436-2002?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2010.436-2002?OpenDocument)", [no seu artigo 2º](#), [HYPERLINK](#)

"[http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%2010.436-2002?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2010.436-2002?OpenDocument)" [HYPERLINK](#)

"[http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%2010.436-2002?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2010.436-2002?OpenDocument)"[dispõe que:](#)

Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Com base no exposto acima, o povo surdo tem direito a usar sua língua materna como primeira forma de se expressar, e só após a Língua Portuguesa, não sendo proibidos de utilizarem-na em espaços onde haja ouvintes. Como é um direito garantido por lei, as escolas devem incluir estudantes surdos e lhes permitir o apoio de um tradutor-intérprete de Libras, para que faça a interpretação do que é falado em sala de aula.

Atualmente, a palavra “inclusão” vem sendo difundida em vários campos, como na educação. Alunos com necessidades educacionais específicas estão

sendo, aos poucos, inseridos ao convívio com alunos que não possuem nenhum

tipo de deficiência. Tratando dos alunos surdos, observa-se que eles devem ter um acompanhamento, já que sua primeira língua é a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Assim, o intérprete, estando em sala de aula, facilita a socialização entre esse aluno e os demais sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem: alunos ouvintes, professores, funcionários, equipe gestora.

As escolas inclusivas garantem que haja um maior grau de respeito às diferenças, uma vez que, nas escolas regulares, os ouvintes são os que têm sua cultura mais bem manifestada. (OLIVEIRA, 2015).

Há uma maior valorização em relação às diferenças nas escolas que têm alunos com algum tipo de necessidade educacional especial, o que faz com que os surdos sintam-se mais motivados quanto à riqueza da sua própria cultura. (QUADROS; PERLIN, 2007). Essa valorização se dá, em parte, pela inserção de profissionais na educação que facilitem o aprendizado desses estudantes.

O Tradutor e Intérprete de Libras Educacional tem a função de intermediar o ensino. Sendo assim, ele é considerado o principal elemento que vai atuar para fazer com que o aluno surdo possa aprender de maneira mais segura. (SOUSA, 2015). A presença desse profissional na escola está prevista pela Lei nº 12319/10, que determina, no seu parágrafo 6º, que sua função é:

Interpretar, em Língua Brasileira de Sinais-Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares.

No entanto, ele não é o único responsável por essa mediação de saberes, já que o professor também atua nesse processo e ele quem é o verdadeiro responsável pelo ensino para os estudantes. A escola é um espaço de todos e para todos, mas ainda precisamos melhorá-la, vencer desafios, visando transformar as práticas educativas que apresentem falhas. (PDE, 2013).

Para Sousa (2015, p.172):



A escola deve ser responsável, juntamente com a família, pela preparação da criança surda para a vida em sociedade, oferecendo-lhe condições um código de comunicação que permita seu ingresso na realidade sociocultural, com efetiva participação na sociedade.

O foco em sala de aula é fazer com que o conhecimento seja construído de maneira clara e que o aluno o compreenda. No caso, onde há turmas que possuem alunos surdos, tem de haver um maior cuidado e atenção, já que eles necessitam de um grau maior de aprofundamento sobre o assunto, especialmente no ensino de ciências, já que, por possuir conceitos nem sempre usados no dia-a-dia, exigem um maior esforço por parte do professor para garantir sua total compreensão.

Apresenta-se nesse texto a visão do ensino da disciplina de ciências para os três componentes essenciais dessa pesquisa, que são professor, intérprete e aluno,

Para realização da pesquisa, foi feita uma entrevista com os sujeitos envolvidos no problema em questão, com perguntas que permitiram analisar como se dá essa relação entre professor e intérprete e como ela atua na forma do aluno compreender o assunto de ciências.

O assunto abordado nessa pesquisa é relevante, na medida em que, cada vez mais, há a necessidade de a escola se adaptar aos diversos tipos de diferenças existentes. Entre elas, podem-se citar alunos com algum tipo de necessidade educacional específica, podendo ela ser, por exemplo, uma deficiência.

Escolas inclusivas demonstram que, além de servirem como ponte para o conhecimento, são disseminadoras de aceitação, mostrando que não se deve discriminar alunos por possuírem uma realidade diferente dos demais. O trabalho do intérprete, juntamente com o professor, ressalta essa busca pela igualdade, no que diz respeito aos estudantes surdos.

Sendo um assunto de relevante valor educativo, este trabalho se apoia no interesse da busca pelo conhecimento acerca das metodologias usadas para o ensino de ciências para alunos surdos.

Tendo como base o interesse pela Libras e a área de ciências, uniu-se

essas duas áreas para compor esse estudo. Sabe-se que em algumas escolas ainda há a falta de recursos didáticos que auxiliem o professor, tanto para ensinar alunos que não possuem nenhum tipo de deficiência, como para aqueles que as têm.

Essa carência nos faz indagar como as metodologias são adaptadas, buscando não prejudicar o aluno. A maneira de ensinar o conteúdo de forma escrita ainda é muito recorrente como meio didático, o que prejudica a produtividade do aluno surdo, que aprende melhor com conceitos que utilizam obras visuais. (GOES; LACERDA; LODI, 2011).

Além disso, deve haver a valorização da língua materna do aluno surdo, e não tentar fazer com que ele esqueça a sua cultura. Para Cerqueira e Salvadon (2020, p.235)

O processo de inclusão deve reconhecer as diferenças existentes e não normatizá-las, pois não se deve almejar, transformar um surdo em ouvinte, uma vez que, mesmo historicamente havendo a supremacia do ouvintismo e da oralidade nas práticas pedagógicas, não se deve negar o direito à diferença linguística e cultural do alunado surdo.

O objetivo desse estudo é investigar como a relação entre professor e intérprete interfere no aprendizado de alunos surdos. Pretende-se (1) demonstrar que ambos têm papel importante na construção desse saber e (2) delimitar qual seria a função específica de cada um. Além disso, analisar como o aluno vê o trabalho de cada um desses profissionais no âmbito escolar.

O modo como a língua é usada é determinante para fazer com que pessoas surdas consigam uma educação de qualidade. (CAMPELLO, 2007). Tem-se como referências para esse trabalho outros estudos da área, alguns com o mesmo tema, outros com temas que se assemelham a este, como as pesquisas de Silva(2020), Zancanaro(2016) e Cerqueira e Salvadon (2020). Além disso, baseiam-se em artigos que exploram a temática do ensino de ciências para alunos surdos como Moreira (2020), Oliveira (2015) e Santiago (2014), como também aqueles que abordam a importância da presença do intérprete em sala de aula dentre eles, Bezerra (2018), Quadros (2004) e Silva(2017).

A metodologia utilizada foi feita por meio de uma pesquisa qualitativa, de

campo, na qual se utilizou uma entrevista para a obtenção dos dados. Inicialmente, houve uma busca por escolas onde houvesse os participantes que satisfizessem as necessidades da pesquisa (professor de Ciências, intérprete e aluno surdo); em seguida, dirigiu-se ao responsável pela gestão da escola, ou seja, a diretora, e explicou-se do que se tratava o tema do trabalho e para que era determinado. Pediu-se autorização para poder realizar a entrevista em sua escola e, após o pedido ter sido aceitado, foi-se ao encontro aos participantes, pedindo também a eles que contribuíssem com o estudo, o que foi aceito por todos. Logo em seguida, foram mostradas as perguntas que seriam feitas, foi avisado que as conversas seriam gravadas e prosseguiu-se com as entrevistas.

O horário escolhido foi agora do intervalo, para não prejudicar o andamento da rotina de nenhum dos envolvidos. A entrevista foi feita na sala de professores, tendo a seguinte ordem de entrevistados: primeiro foi o professor da disciplina de Ciências do 6º Ano; em seguida, o intérprete, e, por fim, o aluno surdo. Para a realização das perguntas, foram utilizados um caderno, onde elas estavam escritas, e um aparelho celular, para poder gravar as respostas dadas. Não havendo fluência na língua de sinais por parte da entrevistadora, fez-se necessário a ajuda do intérprete para fazer a interpretação do que era dito pelo aluno surdo. Terminada a entrevista gravada, as respostas foram transcritas em língua portuguesa.

Com base na análise dos dados obtidos, foi possível concluir que a interação entre o intérprete e professor interfere na aprendizagem do aluno surdo, e que se faz necessária uma relação entre eles, uma vez que ambos possuem suas formações acadêmicas específicas. Assim, um “complementa” o outro, pois, não tendo formação no curso de Ciências, o intérprete não conseguiria, sozinho, ensinar ao aluno surdo com maestria, até porque esta função cabe ao professor. Por outro lado, o docente, não possuindo fluência em Libras, não seria capaz de fazer a tradução das palavras, principalmente os termos específicos da disciplina de Ciências.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, encontra-se o referencial teórico, que se subdivide em três partes, que constam de estudos sobre a inclusão do surdo, ensino de Ciências para o aluno surdo e tradutor intérprete de Libras. Além disso, explora o que outros autores escreveram sobre

o tema, fazendo relação com esta pesquisa, levando em conta os resultados obtidos. No segundo capítulo, é abordada a metodologia utilizada para este trabalho, explicitando quais são os sujeitos envolvidos, o local onde foi realizado, os instrumentos usados, qual o tipo de pesquisa abordada e métodos que foram utilizados para obter os resultados, além de detalhes sobre como se chegou ao encontro dos participantes. No terceiro e último capítulo, estão os resultados que foram alcançados nesta pesquisa.

Esse estudo contribui para a valorização da importância da presença de um intérprete em sala de aula, como também para mostrar que o professor de Ciências devem agir em conjunto para compor uma base que permitirá ao aluno surdo alcançar os mesmos objetivos escolares que o aluno ouvinte. Permite, ainda, que outros pesquisadores realizem trabalhos posteriores que complementem o tema aqui abordado, além de demonstrar a necessidade que o aluno surdo possui em ter um acompanhamento de um intérprete em sala de aula para poder realizar suas atividades escolares. Por fim, esta pesquisa enfatiza o fato da inserção do aluno surdo na vida escolar, para que este possa se sentir “incluído” na sociedade, pois, tendo contato direto com os demais discentes, ouvintes ou não, ele se sentirá parte do grupo, o que os leva a perceber que, mesmo tendo uma realidade diferente, o aluno surdo tem também muito a mostrar com sua própria cultura.

## **2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Este capítulo aborda as propostas de alguns autores sobre o tema apresentado nesta pesquisa. Nele, são apresentados pensamentos acerca da inclusão dos surdos nas escolas e quais efeitos essa integração traz, tanto para os estudantes surdos como para a sociedade em que este vive. Além disso, trata sobre como o ensino de ciências é ou deveria ser realizado para discentes surdos. Destaca, ainda, como o trabalho do tradutor-intérprete de Libras em sala de aula é relevante na aprendizagem desses alunos, assim como a relação com o professor afeta esse aprendizado.

## **2.1 INCLUSÃO DO SURDO**

Segundo Carvalho e Silva (2014), todo tipo de aluno, incluindo aqueles com algum tipo de necessidade especial, tem acesso às escolas inclusivas. No entanto, eles ressaltam que elas têm que receber esses alunos, possuindo uma estrutura preparada para atendê-los, assim como profissionais com capacitação suficiente para trabalhar com esses estudantes.

Para Schwartzman (2011), a família tem que possuir um esclarecimento amplo sobre o que está sendo passado para o aluno surdo na escola, participando continuamente. A inclusão não deve ser feita autoritariamente, e os profissionais envolvidos nesse processo de forma direta devem possuir uma participação ativa.

Existem muitas falhas no processo de inclusão. Assim, é preciso que sejam ofertados cursos de Libras aos professores, que se contratem intérpretes e que a língua materna seja de fácil acesso ao aluno surdo. Apenas dessa maneira é possível que realmente ocorra a inclusão do aluno surdo. (SILVA, 2020).

A Declaração de Salamanca (1994) nos esclarece que as escolas devem ensinar as crianças surdas também através de sua língua materna, por isso elas devem ser inseridas em salas especiais, que contem com presença do intérprete.

A criança surda deve possuir o mesmo desenvolvimento da língua que uma criança ouvinte, e isso é possível através da educação bilíngue, que é aquela que aborda tanto os conteúdos em português como em Libras. Tendo

acesso a esse tipo de educação, ela consegue interagir de maneira harmoniosa, dominando a sua língua e também a língua do grupo ouvinte, que é majoritário. (LACERDA,2000).

Zancanaro e Zancanaro (2016) acreditam que, como os ouvintes, os alunos surdos, para se sentirem motivados, necessitam atuar como participantes da escola regular, no chamado processo de ensino e aprendizagem.

Mas apenas possuir alunos surdos em sala de aula não é suficiente. A escola tem que se adaptar à presença desse aluno surdo com melhorias no seu currículo, mudando as metodologias que não se adequam à realidade da forma deles aprenderem e procurar meios que os permitam realmente serem incluídos nesse ambiente. (EYNG,2012).

Müller e Mianes(2016) destacam o fato da inserção do aluno com surdez não ser feita somente porque a lei “obriga”, mas sim para que eles possam mostrar o seu potencial, e os demais sujeitos devem procurar entender como é a realidade deles e manter,assim, uma boa relação.

Para Carvalho e Silva (2014), existe uma divisão de ideias que é vista claramente. Uma destaca que deve existir a educação inclusiva de surdos e também haver uma luta pelo direito desses alunos surdos estarem em uma escola regular, tendo a oportunidade de estudarem com os alunos ouvintes. Já o outro lado acredita que o surdo necessita de um ambiente que tenha especialidade para que ele possa se desenvolver melhor e para eles, uma opção melhor seria uma escola de caráter separatista, pois, assim, o aluno com surdez conseguiria desenvolver melhor sua cultura e sua língua. Quem acredita nesse ponto de vista, vê que o povo surdo possui uma língua própria na sua cultura que é diferenciada, e devem ter um espaço educacional dedicado a eles para se reafirmar como indivíduos surdos, estudando apenas com outros estudantes surdos.

Não se devem inserir estudantes surdos em escolas regulares apenas para suprir vagas, mas tanto a escola como a sociedade devem assegurar a esses alunos a mesma oportunidade de igualdade que os demais têm, lhes permitindo ter contato com professores que possuam a capacidade e

comprometimento com a educação.

A inclusão do aluno surdo nas escolas deve ter sido feita de uma maneira que eles se sintam parte integrante daquele grupo, e não apenas para “preencher uma vaga”, isso só sendo possível se o seu acolhimento vier acompanhado de preparo, por meio de metodologias que facilitem a sua inserção no meio escolar. Eles necessitam de um tratamento especial no que diz respeito à forma de ensinar, o que não significa, no entanto, que eles são inferiores aos demais alunos, pois apenas sua forma de aprender que é diferente, sendo possível os resultados serem semelhantes aos demais educandos, que são ouvintes. Além da metodologia, que deve ser diferenciada, as escolas devem promover um ambiente de igualdade, para, assim, os alunos surdos se sentirem motivados a estudar e não ver aquele lugar apenas como um local de construir o conhecimento, mas uma realidade que os faça sentir próximos dos outros estudantes que não têm nenhuma necessidade educacional especial. Incluir esses alunos traz, além do fato de mostrar que as diferenças podem ser bem vindas, uma nova perspectiva, uma vez que eles possuem uma cultura própria, que pode trazer novos conhecimentos aos demais participantes da escola, como também ampliar os horizontes da mente dos outros estudantes, que descobrirão uma realidade diferente da sua.

A inserção de alunos surdos nas escolas tende a promover uma valorização maior por parte das famílias desses estudantes, que veem que seus filhos podem ser tratados com igualdade, mesmo tendo algumas necessidades especiais em relação ao modo de aprendizagem, e isso deveria ser algo mais comum do que é, já que o aluno com surdez não deveria sofrer preconceito ou se sentir afastado dos demais apenas por ser “diferente”. Sendo tratado igual aos outros estudantes, esse discente conseguirá, quando exposto à sociedade fora do âmbito escolar, se sentir como parte significativa do meio e não apenas como mais um, pois teve sua presença notada e valorizada quando ainda criança ou adolescente, através da participação ativa dentro da escola.

## **2.2 Ensino de ciências para o aluno surdo**

Para que o alunosurdo aprenda de forma significativa a disciplina de ciências, se faz necessária uma reflexão a respeito da inclusão de novas possibilidades de práticas pedagógicas no contexto escolar (BETIM,2013).

Moreira (2020) afirma que o uso de tecnologia é útil para que não ocorra defasagem no conteúdo de ciências por parte do aluno surdo, quando este está em sala de aula que não conste com a presença de um intérprete.

A língua pode ser prejudicada quando o assunto não é passado de maneira correta.(SILVA,2017).

Para Santiago (2014), há uma dificuldade por parte dos intérpretes em fazer a tradução de termos químicos para a língua de sinais. Os professores precisam se capacitar através de cursos, de uma didática pedagógica conseguida através de material de apoio e uma dominância sobre a Libras. É necessária, ainda, uma escola com infraestrutura adequada, que satisfaça os parâmetros para poder incluir uma pessoa surda.

A educação necessita de modificação em sua pedagogia visual, apesar de ser um campo de estudos novo, essa técnica iria melhorar o processo de aprendizagem.(CAMPELLO,2007). Seria de grande valor ao ensino de ciências, uma vez que ele possui imagens e conceitos, a introdução dessa pedagogia iria possibilitar um maior entendimento do conteúdo por parte do aluno surdo. Para Oliveira e Benite (2015), a barreira linguística continua sendo o que mais dificulta no ensino de ciências para estudantes surdos. Para que ocorra um melhor aprendizado para esses educandos, faz-se necessária a implementação de estratégias com uma didática de aspecto visual atreladas a uma contextualização desse conteúdo.

Gomes e Frigero (2016) acreditam que, para o ensino de ciências ser bem desenvolvido para todos, deve incluir, dentro dos limites de suas especificidades e possibilidades, aqueles alunos que têm algum tipo de necessidade educativa especial.

Góes et. al. (2011) ressaltam que é necessária a ampliação do dicionário de Libras, através da criação de novos trabalhos, para que possam ser inclusas palavras específicas das Ciências Biológicas.



O ensino de ciências para alunos surdos deve gerar um maior esforço por parte dos docentes, pois, possuindo alguns conceitos que não fazem parte do cotidiano comum em sala de aula, os estudantes com surdez apresentam uma maior dificuldade de aprendizagem. O fato de muitas escolas não possuírem meios que possibilitem a visualização das imagens que são faladas na aula de ciências, como a presença de *data-show* ou mesmo livros que sejam suficientes para todos os alunos, dificulta o aprender dos estudantes, especialmente daqueles que possuem algum tipo de necessidade educacional especial, como discentes com surdez.

Não tendo acesso à visualização, eles saem prejudicados, pois, sendo surdos, não conseguem compreender o que é dito pelo professor, assimilar do que se trata sua fala, por exemplo, quando ele pronuncia a palavra “célula”, já que não é um vocábulo comum da sua rotina.

As aulas da disciplina de Ciências, para poder promover um bom desempenho em alunos surdos, devem ter uma didática diferenciada como o uso de novas técnicas, podendo elas ser recortes de livros, quando estes não estejam disponíveis; uso de maquetes; podem, ainda, fazer uso de desenhos na lousa ou até mesmo confeccionar essas imagens em forma de *biscuit*, massa de modelar ou outros meios. Mas é fundamental que os alunos não sejam prejudicados por falta de uma metodologia adequada para sua aprendizagem.

Outra dificuldade encontrada para o estudo das ciências pelos alunos surdos é a falta de sinais específicos para alguns conceitos dessa disciplina, o que os leva a apenas “decorar” as palavras, sem conseguir entender o seu significado e isso prejudica o seu aprendizado, o que só seria resolvido com a criação desses sinais específicos.

### **2.3 Tradutor-intérprete de libras**

Anselmini (2020) demonstra que há um desafio no contexto educacional, havendo diversas situações sendo impostas ao intérprete, que deve ter uma postura com respostas imediatas. Portanto, ele precisa se ater de variadas formas de interpretação, didática e interpessoal no modo de se relacionar

diretamente com a equipe que trabalha.

Quando o aluno surdo não tem acesso ao conteúdo total repassado pelo professor através da tradução feita pelo intérprete, ele sai prejudicado, por isso, o intérprete tem que ter domínio sobre o que é falado pelo docente, de modo a interpretar com os sinais corretos de cada termo. (SILVA,2017).

Embora preste serviço em uma escola, não é função do intérprete assumir o papel de docente. Não é de sua competência ensinar conteúdos enquanto interpreta em sala de aula, sendo sua função somente escolher quais estruturas e sinalização corretas em determinada situação. Tendo que manter-se neutro para, assim, não influenciar na transmissão da mensagem. (BEZERRA,2018).

A interpretação deve ser feita de maneira fiel pelo intérprete, ele não pode emitir opiniões ou mesmo alterar essa ou aquela informação. Repassar o que foi dito de forma correta deve ser seu objetivo durante a tradução. (QUADROS,2004).

Nehls (2019) relata que há uma necessidade de interação entre professor e intérprete, pois o segundo precisa negociar, compreender os sentidos, entender o contexto dos conteúdos, demonstrar suas inseguranças e dúvidas sobre algum sinal para que este seja mais bem colocado e ter um sentido correto, discutir acerca de dificuldades que o aluno surdo tenha em determinada questão, para que esse possa construir o conhecimento de maneira certa em sua língua materna.

Zancanaro e Zancanaro (2016) enfatizam que os intérpretes não devem se responsabilizar pelas atividades que são papel do docente, não podem preparar aula e nem atribuir nota aos alunos surdos. Ressaltam que suas funções devem ser bem definidas, estabelecendo-se a diferença entre o papel do intérprete de Libras em sala de aula e o do professor.

O intérprete deve ter uma noção acerca daquilo que está traduzindo, ou seja, ter conhecimento sobre os termos que o professor se utiliza na disciplina de Ciências, para que possa repassar da maneira mais fiel possível a mensagem dada pelo docente. (OLIVEIRA;BENITE,2015).

Albres e Rodrigues afirmam que é impossível haver uma atividade

interpretativa no âmbito escolar se não for levada em conta a interação entre intérprete e professor, que são os sujeitos dessa operação.

A organização do processo de aprendizagem é exercida pelo professor, que tem responsabilidade sobre o educando, sendo a escola um espaço pertencente tanto ao docente, como também ao aluno. No entanto, por vezes, confunde-se esse papel, delegando-o ao intérprete e dando-lhe a posição de tirar dúvidas em sala de aula. Além disso, o professor transfere sua função de planejar os conteúdos, especialmente para a aula do aluno surdo (LIMA, 2013).

O tradutor-intérprete de Libras educacional trabalha ativamente para fazer com que os conteúdos se tornem acessíveis para o educando, mantendo uma interação com o professor, para ser ativo no processo ensino-aprendizagem. (GÓES et.al., 2011).

O tradutor-intérprete de Libras atua como uma ponte de conhecimento no contexto escolar, pois é através dele que o aluno surdo consegue ter acesso ao que é dito pelo professor. A sua presença em sala de aula é muito importante, juntamente com o professor, pois ambos possibilitam ao aluno o acesso ao conteúdo. Entretanto, a tradução não deve ser feita levando em conta sua opinião pessoal, apenas o que a fala do professor quer transmitir, para assim, não interferir o real conteúdo da mensagem que este quer passar. Mesmo sendo fundamental em sala de aula, muitas vezes o intérprete não consegue exercer seu papel de forma completa, pois, sem contar com o apoio do professor, seu trabalho acaba por não gerar os resultados pretendidos. Além disso, outro fato que atrapalha o profissional de interpretar corretamente é a presença de muitos alunos na classe, que tendem a fazê-lo perder o foco com conversas em tom alto de voz, por exemplo.

A sobrecarga de trabalho, o acúmulo de funções que não são suas também influenciam no trabalho do intérprete, afetando seu rendimento. Como é o único que compreende em sua totalidade o que quer expressar, inúmeras vezes, este profissional também faz o papel de “amigo do estudante surdo”, que hora ou outra acaba sendo esquecido por seus colegas de classe, por não

ouvir ou por se expressar de maneira que estes não habituados. Como ainda é uma profissão não tão conhecida em alguns locais, o professor pode vir a se sentir “invadido” ou mesmo vigiado em classe, com a presença do intérprete, o que faz com que ele não colabore para que este realize seu trabalho em sua totalidade.

### **3METODOLOGIA**

Para realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa com abordagem qualitativa, que corresponde àquela que não se preocupa com aspectos quantitativos, mas sim, leva em conta as relações sociais, procurando compreender e explicar sua dinâmica. (SOUZA,2009).

A pesquisa foi realizada na Unidade Escolar Landri Sales, uma escola pública na cidade de Picos, no estado do Piauí. Para não prejudicar a rotina de nenhum dos participantes, escolheu-se um horário em que todos estavam disponíveis, levando o tempo mais breve possível no intuito de não comprometer o cotidiano deles. O dia escolhido para serem feitas as idas à escola e a realização das entrevistas foi às quartas-feiras pela manhã, já que era nesse dia que as aulas de Ciências eram ministradas.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram:

a) um aluno surdo, do 6º Ano, de treze anos de idade, que apresenta um grau de surdez elevado desde que nasceu. Ele não tem fluência na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e se comunica com os familiares e os integrantes da escola através de gesticulações. O pouco que sabe da sua língua materna foi aprendido através da convivência com o intérprete em sala de aula, inclusive, foi quando teve seu primeiro contato com ela.

b) O professor de Ciências, que tem vinte e seis anos e trabalha na escola há um ano, ministrando aulas em diferentes turmas. Ele é formado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Piauí e não possui fluência em Libras.

c) O intérprete, que tem vinte e dois anos de idade, trabalha na escola há um ano, como o professor, e que aprendeu Libras através da irmã, que fez um curso. Ele não possui formação na área e relatou que se interessou por achar interessante a forma como sua irmã sinalizava, o que o instigou a tentar desenvolver a língua de sinais. Assim, ele afirma que começou a estudar através de vídeo-aulas para ter mais prática nos conteúdos.

Os três sujeitos envolvidos na pesquisa são do sexo masculino e não apresentaram nenhum empecilho para participarem da entrevista. Como dito anteriormente, o instrumento escolhido para a coleta de dados foi a entrevista,

que é um procedimento que se baseia no diálogo entre o pesquisador e o entrevistado.

Houve um período de análise de quais perguntas seriam feitas, para assim poder chegar ao resultado almejado na pesquisa. Decidiu-se por esse meio de coleta de dados após a leitura de outros estudos que se assemelham a esse e que geraram resultados similares.

As conversas com os ouvintes foram gravadas e transcritas posteriormente. Já com o aluno surdo, o intérprete da escola fez a oralização para posterior transcrição.

Primeiro, fez-se uma leitura prévia das perguntas para uma melhor elaboração das respostas, e, em seguida, a entrevista em si, através de gravação e, posteriormente, transcrição das respostas.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

O primeiro entrevistado foi o professor, que se mostrou bastante relaxado e confortável em responder as perguntas. Ele é formado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Piauí, e ministra aulas em várias turmas, mas apenas a do 6º ano possui aluno surdo.

As perguntas dirigidas a eles foram as seguintes:

1) Você leva em consideração a perspectiva do aluno surdo quando vai elaborar provas e preparar aulas?

2) É difícil preparar aula para classes com alunos surdos? Você faz em conjunto com o intérprete? Se não, você acha que a falta dele estar por dentro do assunto de ciências prejudica a aprendizagem do aluno surdo?

3) Você se sente confortável com a presença do intérprete em sala de aula?

4) Você acha que se não tivesse o apoio do intérprete, o rendimento do aluno surdo seria alterado? Se sim, para melhor ou pior?

5) Para você, qual o papel do intérprete e seu papel, especificamente?

6) Você acha que usa os métodos corretos para a disciplina de Ciências, tendo aluno surdo em sua classe?

Sobre a preparação de provas e aulas que levem em consideração a perspectiva do aluno surdo, ele respondeu que não leva isso em conta, já que a maioria dos estudantes da classe são ouvintes.

Ele ressaltou também o fato de a escola não possuir meios que possibilitem um melhor acompanhamento por parte do aluno surdo, como a presença de um *data-show*, que permitiria o uso de *slides*, facilitando, assim, sua visualização. Outro problema relatado pelo docente é a carência de livros didáticos, tendo em vista que a sala possui vinte alunos e apenas sete livros, o que dificulta ainda mais esse processo de ministrar conteúdo.

Quando perguntando sobre como ele atua em sala de aula com a presença do aluno surdo, ele respondeu que ministra suas aulas de ciências e leva um resumo do assunto para o intérprete estudar com o discente depois.

Esse professor explicou, ainda, que não tem nenhum conhecimento sobre a Libras, mas que gostaria de fazer um curso na área. No entanto, por falta de tempo e de recursos financeiros, não é possível. Além disso, ele entende a relevância da presença do intérprete em sala e mostrou-se grato, pois admite que sem esse profissional, ele não seria capaz de sozinho ensinar esse aluno surdo.

Um fato preocupante é o de a responsabilidade de ensinar esse aluno ser dada ao intérprete. Como já foi dito, após a aula, é entregue um resumo do assunto dado e o aluno estuda em casa com o auxílio da mãe ou na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Porém, isso não parece prejudicar a assimilação da matéria, já que esse aluno tira notas boas e consegue resolver as atividades que são direcionadas a ser respondidas em casa.

O segundo sujeito da entrevista foi o intérprete, que relatou que possui formação em Letras/Português, mas não em Libras. Seu interesse na área surgiu após ter contato com a Libras, através da irmã, que faz um curso. Ele aplica em sala de aula o que aprendeu com ela e ensinou também ao aluno surdo, já que ele não utiliza a Libras em casa, pois seus familiares são ouvintes e não dominam essa Língua.

As perguntas dirigidas a ele foram as seguintes:

- Você acha que os métodos utilizados pelo professor são suficientes para fazer com que o aluno surdo compreenda a disciplina de Ciências? Se não, o que você indicaria para melhorar a qualidade da aula?
- Você tem alguma relação com o aluno o aluno surdo fora do âmbito escolar?
- Você participa da elaboração das aulas de Ciências?
- E da correção das avaliações?
- Você participa de atividades extraescolares? Se sim, acompanha o aluno surdo para fazer a tradução para ele do que é dito?

Quando perguntado sobre a metodologia utilizada pelo docente, ele



afirma que poderiam ser utilizados outros meios para maior compreensão por parte do aluno surdo, como o uso de mais imagens, já que seu aprendizado é mais bem garantido quando se utiliza de métodos visuais. O intérprete mantém uma relação apenas na escola com o aluno surdo, dentro da classe, somente quando em período de aula. Esse profissional comentou que não participa de elaboração de aulas nem de correção de provas, ficando essas atividades a cargo somente do professor. Ele participa ativamente das atividades extraescolares, mas não faz acompanhamento do aluno surdo para fazer traduções.

O último entrevistado foi o aluno surdo, que, com a ajuda do intérprete, relatou que gosta da disciplina de Ciências e se mostra bastante interessado nas aulas, de acordo com os demais entrevistados. Ele também informou que conta com a ajuda da mãe para responder as tarefas e estudar para as provas e sente-se acolhido pelos demais colegas de classe, o que facilita seu convívio. Todas as dúvidas que possui em relação à matéria são dirigidas ao intérprete, e este, por sua vez, se dirige ao professor, uma vez que não possui formação acadêmica na área de ciências.

As perguntas dirigidas a ele foram as seguintes:

- Quando você tem dúvidas sobre algum assunto de Ciências, a quem você se dirige: ao professor ou ao intérprete?
- Você tem o acompanhamento de Libras em casa? Se sim, isso facilita sua aprendizagem do ensino de Ciências?
- Você já estudou em escolas que não tinham intérprete? Se sim, o que você tem a dizer sobre isso? Se não, você acha que sairia prejudicado caso não tivesse?

• O que você tem a dizer sobre as aulas de Ciências? O professor e o intérprete conseguem repassar o conteúdo de forma clara pra você? • O que você gostaria que melhorasse nas aulas de Ciências? O estudante informou que não tem acompanhamento de Libras em casa e só se comunica com os familiares através de gestos. A primeira vez que teve contato com a Língua de Sinais foi na escola em que estuda atualmente e conta que isso aumentou a sua aprendizagem, pois com a ajuda de intérprete consegue assimilar melhor a matéria. Apesar de parecer entender o assunto dado na disciplina de Ciências,

demonstrou que gostaria que o professor usasse mais imagens para ele poder ver do que o educador fala.

Os entrevistados concordam com o fato de a presença do intérprete ser importante em sala de aula e admitem que, assim, a assimilação do conteúdo por parte do aluno surdo é maior. No entanto, por vezes, sua função é confundida com a do professor, já que, após as aulas, ele se encontra com o aluno para estudar pelo resumo dado pelo docente. Além disso, concordam que a escola poderia disponibilizar mais técnicas de ensino, o que possibilitaria um maior nível de interesse em aprender, tanto por parte dos alunos surdos, como também pelos ouvintes.

A maior dificuldade para a realização desse trabalho foi o fato de ser difícil encontrar alunos surdos nas escolas municipais e estaduais na cidade de Picos. No período em que a pesquisa foi realizada, foram visitadas diferentes escolas, nas quais se dirigiu aos gestores responsáveis no intuito de saber se essas escolas tinham alunos surdos, e conseqüentemente, intérpretes para realizar os diálogos com eles.

Das escolas que foram visitadas, apenas uma entrou nos quesitos pretendidos pela pesquisa, o que nos faz indagar se são os alunos surdos que são poucos ou se estes não são inseridos no âmbito escolar por preconceito ou até mesmo “medo” por parte de seus familiares, que podem ter em mente, que a criança ou adolescente com surdez não consiga se adaptar ao mundo escolar, que ainda é frequentado majoritariamente por pessoas ouvintes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstrou-se que a relação entre professor e intérprete altera, sim, o modo como o aluno surdo aprende.

Foi possível ressaltar que cada um possui seu papel pré-estabelecido, um de ensinar, o outro de sinalizar a língua oral para o aluno surdo, por meio da Língua Brasileira de Sinais. No entanto, o intérprete por vezes faz o papel de professor, pois como dito anteriormente, o docente elabora um resumo para o estudante com surdez estudar com o intérprete após as aulas.

Destacou-se, ainda, o fato de que a presença do intérprete é importante, principalmente em aulas de ciências, pois seu grau de dificuldade é alto, devido ao fato de que alguns termos específicos da disciplina não serem de uso cotidiano da maioria dos alunos, inclusive dos alunos surdos.

Embora se tenha conseguido somente uma escola para participar do estudo em questão, foi possível notar que professor e intérprete têm papel fundamental no aprendizado do aluno surdo. Um necessita do outro para, juntos, realizarem o mais importante, que é fazer com que o estudante com surdez assimile os conteúdos e realmente os aprenda.

Na falta de um, o aluno sairia prejudicado, pois como o professor não tem fluência em Libras, o estudante não teria possibilidade de compreender nada do assunto dado. Da mesma forma, como o intérprete não é formado em ciências, não conseguiria, talvez, ministrar a aula tão bem como alguém que tenha conhecimento na área.

Como a escola possui uma sala de AEE, isso facilita a aprendizagem do aluno surdo, pois há uma maior atenção dada a qualquer dificuldade que ele encontre em termos de assimilação de conteúdo, seja de Ciências ou de qualquer outra disciplina.

Outros trabalhos de mesmo tema podem ser realizados para poder ampliar o conhecimento de como a relação entre intérprete e professor altera a aprendizagem ou não por parte do aluno surdo. Como já dito antes, a falta desses alunos na cidade em que foi feita a pesquisa pode acabar gerando resultados diferentes dos que aqui foram obtidos, se tivessem mais

participantes. Todavia, sabe-se da importância de ambos, intérprete e professor, na busca em gerar resultados positivos para com o aprender de alunos com surdez, isso sendo possível somente, com a sua união.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A.; RODRIGUES, C. H. **As funções do intérprete educacional: entre práticas sociais e políticas educacionais.** Revista de Estudos do Discurso, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457335335> Acesso em: 14 de jan. de 2021.

ANSELMINI, E. L. **Intérpretes de Libras-Português na Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB): uma análise do trabalho em equipe.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Bacharelado em Letras Libras)-Universidade Federal de Santa Catarina, Joinville, 2020.

BETIM, A. C. **O Papel do Professor Diante da Inclusão de Um Aluno Surdo.** V. 2. Telêmaco Borba: Livros PDE, 2013.

BEZERRA, G. M. S. **SA ética na atuação do tradutor intérprete de libras.** 2018. Artigo (Pós-graduação em Educação Especial Inclusiva)-Faculdade de Juazeiro do Norte-FJN, Juazeiro do Norte, 2018.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília :UNESCO, 1994.

BRASIL. **Lei n. 12319** de 1º de Setembro de 2010. Disponível em <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1025011/lei-12319-10>. Acesso em 20 de mar. 2019.

CAMPELLO, A. R. e Z. **Pedagogia Visual/Sinal na Educação dos Surdos.** In: **Estudos surdos II.** Petrópolis : Arara Azul, 2007.p.113.

CARVALHO, N. S. A.; SILVA, C. A. F. **Educação inclusiva para surdos.** Revista Virtual de Cultura Surda, 2014. Disponível em: <https://editora-araraazul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/4%C3%82%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2013%20%5BCARVALHO%20e%20SILVA%5D.pdf> Acesso em: 14 de set. de 2020.

CERQUEIRA, L.M; SALVADON, J.C. **Escolarização e educação inclusiva de/com surdos: os entrelaços do cotidiano escolar.** Revista Diálogos em Educação, 2020. Disponível em: <http://www.faculdadeanicuns.edu.br/ojs/index.php/revistadialogosemeducao/article/view/12> Acesso em: 12 de set. de 2020

EYNG, D. B. **A inclusão do sujeito surdo no ensino regular do ponto de vista de alunos surdos, familiares, professores e intérpretes.** 2012. Dissertação( Mestrado em Distúrbios da Comunicação )- Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, Curitiba, 2012.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno

da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

GÓES, A. M. et al. Libras no currículo de Licenciatura :estudando o caso das Ciências Biológicas. In: \_\_\_\_\_. **Língua brasileira de Sinais – Libras**. São Carlos :SEaD, 2011.p.166.

\_\_\_\_\_ et al. O intérprete de língua brasileira de sinais no contexto da escola inclusiva: focalizando sua alteração na segunda etapa do ensino fundamental. In:\_\_\_\_\_. **Língua brasileira de Sinais -Libras**. São Carlos :SEaD,2011.p.125.

GOMES, P. C.; FRIGERO, M. L.P. **Desafios ao ensino de biologia na inclusão do surdo**. II Sippedes, 2016. Disponível em:<https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-planejamentoeanalisedepoliticaspUBLICAS/iisippedes2016/201653120179.pdf>. Acesso em: 14 de dez. de 2020.

LACERDA, C.B.F. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: Trabalhando com sujeitos surdos. **CEDES**. Campinas. V.20, n. 50. 2000.

LIMA, D. M. R. **Ensino de Biologia para alunos com Surdez**: Uma análise da prática pedagógica docente. Revista Virtual de Cultura Surda,2013.Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-planejamentoeanalisedepoliticaspUBLICAS/iisippedes2016/201653120179.pdf> Acesso em: 04 de ago. de 2020.

MARQUES, R. R. Educação de Jovens e Adultos, um diálogo sobre a educação e o aluno surdo. In: QUADROS,R. M. de; PERLIN,G. (Org). **Estudos Surdos II**. Petrópolis : Arara Azul,2007.p. 146.

MOREIRA, S. G. A .**As ciências biológicas na educação de surdos**: Olhares e Abordagens nos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (EBEBIO) e Encontros Regionais de Ensino de Biologia (ERE BIO). 2020.Trabalho de Conclusão de Curso(Ciências Biológicas)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

MULLER,J. I.;MIANES, F. L. Narrativas autobiográficos de surdos ou de pessoas com deficiência visual: análise de identidades e de representações. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.97, n. 246, p. 380-401,2016.

NEHLS, L.F. **Um olhar sobre o Interpretete de Libras, o Aluno Surdo e o Professor no Contexto da Sala de Aula Inclusiva**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação Bacharelado em Letras Libras)-Universidade Federal de Santa Catarina, Joinville, 2019.

OLIVEIRA, W. D.; BENITE,A.M.C. **Aulas de ciências para surdos**: Estudos sobre a produção do discurso de intérpretes de LIBRAS e professores de

ciências. Bauru, v.21, n.2, 2015.

QUADROS, R.M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília : MEC, 2004.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. **Direitos, Políticas e Línguas: divergências e convergências na/da/para educação de surdos**. Educação e Realidade, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623661114> Acesso em: 12 de jan. de 2021.

SANTIAGO, N. C. **O ensino e a aprendizagem das ciências dos alunos com surdez**. 2014. Monografia (Pós Graduação em Ensino de Ciências)- Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Medianeira, 2014.

SCHWARTZMAN, J.S. A inclusão da pessoa com deficiência. In: Sá, N.R. L. de (Org). **Surdos Qual Escola?** 22 ed. Manaus: Valer e Edua, 2011. p. 274.

SILVA, P. R. **O conhecimento e domínio sobre a Libras dos professores da rede pública e privada do Rio de Janeiro**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso Universidade Brasileira de Formação (UNIBF), Paraná, 2020

SILVA, R.P. A. **Atuação dos tradutores e intérpretes de Libras no processo tradutório do conteúdo de ciências biológicas**. Trabalho de Conclusão de Curso ( Graduação )- Universidade Federal do Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2017.

SOUSA, V. **A importância do papel do intérprete de Libras no processo de aprendizagem do aluno surdo em sala de aula nas escolas de ensino comuns**. 2015. Artig ( Graduação em Pedagogia)-Fucamp, Campinas, 2015

STRÖBEL, K. L. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, R.M.; PERLIN, G. (Org). **Estudos surdos II**. Petrópolis : Arara Azul, 2007. p.34.

ZANCANARO, L. A.; ZANCANARO, T. M. L. **A educação de surdos sob a perspectiva da inclusão: reflexões sobre a adaptação de conteúdos**. Revista Sinalizar, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/download/36178/20218>. Acesso em: 14 de nov. de 2020.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
(X) Monografia  
( ) Artigo

Eu, Aline Leal Galvão,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Interações entre o professor e o intérprete de  
Libras no processo de aprendizagem por um aluno surdo  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 15 de Julho de 2021.

Aline Leal Galvão  
Assinatura

Aline Leal Galvão  
Assinatura